

cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Agosto 2012 – Nº 238

Na Velha São Paulo *a difícil quebra de hábito arraigado*

Célio Debes

Um dos mais conspícuos memorialistas da cidade dedica, em seus registros, alguns parágrafos sobre o problema do sepultamento dos cadáveres nesta capital na primeira metade do século XIX.

“O maior desacato, que naqueles tempos se praticava nas igrejas — escreve Francisco de Assis Vieira Bueno —, sem intenção irreverente, ao contrário, com o de abrigar em lugares sagrados os restos mortais dos que faleciam, era o de convertê-las em



cemitérios; focos imundos de pestilência, sem a mínima preocupação de higiene” (*A Cidade de São Paulo*, vol. 2 da Bibl. da Ac. Pta. de letras, p. 37).

Esse estado de coisas era grave, porque, salvo a **gente mais grada**, integrante das Ordens Terceiras — que dispunha de jazigos mais decentes —, fora do corpo do tempo, mas em edificação a ele, anexava-se **gente do meio**, no geral vinculada às Confrarias religiosas, inumada no interior de suas respectivas igrejas.

Disso resultava uma situação deplorável, que Vieira Bueno descreve com crueza.

“No desconjuntado soalho (quando havia soalho), divisavam-se fileiras de sepulturas, assinaladas por tábuas. Levantadas estas, cavava-se a terra já saturada de podridão e mesclada de ossos, e abrindo-se uma cova, que nem sempre era profunda, ali era depositado o cadáver, que geralmente não tinha caixão mortuário, punha-se por cima a mesma terra cavada, que era socada com pilões, iguais aos que serviam para socar taipas” (idem, p. 38).

O ambiente, então, saturado de “ar metífico” abrigava, por largo tempo, grande quantidade de mulheres, que, na ausência total de assentos, sentavam-se no chão, em contato direto com o piso, expondo-se aos perigos de infecções.

A essa altura, São Paulo contava com apenas um cemitério extramuros: o dos Aflitos, do qual remanesce sua capela, incrustada nos fundos do beco, hoje travessa, que lhe leva o nome, no bairro da Liberdade. Destinava-se, na designação que Vieira Bueno emprestava às categorias sociais, à **arraia miúda**, representada pelos soldados rasos, indigentes, escravos e executados na forca. Esse instrumento de suplício localizava-se pouco acima, no Largo da Forca (agora Praça da Liberdade), em frente à Igreja dos Aflitos ou dos Enforcados.

O terreno onde se situa foi sagrado pelo bispo D. Frei Manuel da Ressurreição — prática de que decorre a designação de **campo santo** a esses recintos —, em 1797, sob a invocação de Nossa Senhora dos Aflitos. Abrangia a quadra representada hoje pelas ruas da Glória, dos Estudantes, Galvão Bueno e Américo de Campos. Ficava nos arrabaldes da cidade, às margens da estrada para Santos! Dada sua localização, a primeira daquelas vias era conhecida também por Rua do Cemitério.

Mas, coisa de se admirar, as autoridades da metrópole preocuparam-se com os efeitos danosos dos sepultamentos no interior das igrejas paulistanas! Tanto que, por meio da Carta Régia, de 14 de janeiro de 1801, dirigida ao governador e capitão-general da Capitania de São Paulo, Antonio Manuel

de Melo Castro e Mendonça, o príncipe regente, futuro D. João VI, determinava-lhe que

“de comum acordo com o Bispo desta Diocese, escolhesse um terreno para construir um cemitério, em lugar que, pela sua situação e proporcionada distância da Cidade, não pudessem ser nocivos à saúde dos vivos miasmas pútridos, que exalam os mortos” (*Documentos interessantes*, XXX/141-143).

O capitão-general deu curso à ordem régia, apenas no tocante à consulta ao bispo, que, como era de se esperar, colocou-se à disposição do governador para as providências subsequentes.

Estas, porém, erguiam-se como barreira, que o preposto da Coroa não ousava, por si, transpor, conforme expõe nas dilatadas reflexões que apresentou, sob forma de consulta, ao regente, levantando questões relevantes, cujo intuito era justificar a não execução da ordem e mostrar o acerto de sua procrastinação.

Num jogo diplomático, Antonio Manuel de Melo principiava por minimizar os efeitos danosos, resultantes dos enterros no interior das igrejas paulistanas. Apresentavam elas, segundo ele, “uma pequena quantidade de gases, impregnados de matéria animal putrescente”. Sendo a “cidade fundada sobre uma colina um pouco elevada”, era ela bafejada por “fácil circulação de ar”, o que permitia que, sem dificuldades, gases viciados fossem dissipados, ao “combinarem-se com o ar atmosférico, que é o veículo próprio para conter em dissolução toda a matéria suscetível de se atenuar”! Elevada a notável noção de salubridade pública manifestada pelo governador...

A seguir, veio a ponderação de ordem político-administrativa, cujo trato exigia cautela. O cumprimento da determinação do regente impunha a “Reforma da Disciplina Eclesiástica na parte que tem, até ao presente, tolerado semelhante abuso, introduzido nos calamitosos tempos da ignorância”.

Cada óbice era acompanhado de um apoio à proposição real!

O fulcro da questão, que constituía, na verdade, o fator de dubiedade do governante, residia nos dispêndios que a inovação acarretava. À conta de quem correriam os gastos?

Era indispensável que Sua Alteza esclarecesse se seria às custas de “sua Real Fazenda”, ou “das Fábricas das Igrejas, Confrarias e Ordens Terceiras”. Ainda, na senda de não desagravar e ressaltando qualquer interpretação malévola, o governador adiantava seu modo de ver, a respeito: a segunda hipótese era a que lhe parecia a “mais natural”!

No rol das dúvidas, com o que obstava uma solução expedita, indagava se a medida se restringia à capital, ou “se deve

estender a todas as Freguesias e Paróquias da Capitania, o que parece indubitável”. Era óbvio que a ordem dizia respeito à cidade, como se constata no trecho transcrito anteriormente.

Dois outros esclarecimentos se impunham. A quem caberia remunerar o capelão do cemitério e se deveriam “ser obrigadas, coercitivamente, todas as corporações que costumam ter carneiras, ou jazigos próprios, a concorrer para a factura desta obra de que o Público e o Estado tiram tão conhecidas vantagens”.

De ordem prática, queria saber o mandatário real como se repartiriam, depois de construído o cemitério, as “divisões para cada uma das Confrarias e Ordens”, bem como se a proibição dos enterros nas igrejas deveria ser absoluta, “seja qual for o estado, caráter, preeminência ou graduação da pessoa falecida”, incluindo-se, na regra, “os religiosos, ou religiosas e recolhidas”.

Como se verifica, todo o escrúpulo manifestado por Antonio Manuel trazia uma mescla de prudência e de submissão, mais daquela do que desta. Ao contrário do que pareceu ao anotador do documento, as **reflexões** não eram meras consultas submissas ao governo de Lisboa “para construir um cemitério” (idem, nota 1, à p. 141). Tratava-se, de fato, de quem sabia o quão grave era e a quantos riscos se expunha o agente lidar com os recursos da Coroa, sem ser expressa e declarada ordem do agente.

“Todas essas reflexões exigem nova decisão, e com especialidade a que versa sobre as despesas, pois, não posso, nem devo, mandá-las fazer à custa da Real Fazenda sem ordem expressa de S. A., sendo esta verdadeiramente a causa que me obriga a não por logo em observância à Real ordem, que, aliás, faria executar com toda a extensão que abrangem os amplos termos com que o mesmo Senhor manda se sepultem nos cemitérios, sem exceção, todas as pessoas que falecerem; sem que servissem de obstáculo à mencionada execução, o que diz o vulgo ignorante, que pensa se não salva sua alma, se não for sepultado seu corpo dentro da Igreja.”

A habilidade do capitão-general, esquivando-se de cumprir a Ordem Régia, sem dela discordar, antes, enaltecendo-a, punha-o a salvo das intrigas da Corte, no tocante aos gastos com a empresa. Mas embargou, por mais de cinco décadas, a ereção do primeiro cemitério extramuros na cidade de São Paulo, de caráter público e geral, o da Consolação, aberto em 1858, após a sagração do respectivo terreno.

Não obstante, durante muito tempo, ainda, sua utilização se restringiu aos que professavam a religião oficial do Estado.

Nele, não se sepultavam os não católicos. Persistiam, portanto, as mesmas limitações predominantes, antes de sua inauguração. Restrições essas que, em 1841, levaram os lentes da Academia de Direito a sepultarem um de seus colegas, o legendário Júlio Frank, por ser, pelo menos, agnóstico, senão fiel de outro credo, nos chãos da própria Escola, onde ainda se encontra.

Reputava-se uma conspiração do Cemitério da Consolação o enterro de acatólicos. É exemplificativo dessa concepção, episódio ocorrido em 1881, noticiado pela imprensa como reclamação a respeito de um “suíço protestante há dias sepultado como alemão e católico” (cf. nosso Campos Salles. *Perfil de um estadista*, 1. ed., I/155, nota 329).

Só com a Proclamação da República, secularizaram-se os cemitérios públicos, sem que, no entanto, os antigos discriminados se vissem impedidos de manter necrópoles privadas.

Célio Debes

*Membro da Academia Paulista de História
e da Academia Paulista de Letras*

O porvir, uma incógnita...

M. I. Rollemberg

“As convicções são as inimigas mais perigosas da verdade...”

Friedrich Nietzsche

Vivíamos os anos iniciais da década de 1980. Certa tarde, recebi em meu consultório um jovem acompanhado do pai. Este, um senhor alto, magro, espigado, vestido com discrição, mas com elegância, nariz empinado, falando com sotaque, carregando nos erres, típico da língua francesa: toda hora começava uma frase com o indefectível “allors”. Contou os problemas que os trazia até ali, e o filho, motivo principal da vinda, rapaz magro, alto e com um leve sorriso nos lábios, praticamente ficava apenas a observar em silêncio. Podia notar-se o temperamento leonino do pai. Após o exame físico e a análise radiológica, não tivemos maior dificuldade em estabelecer o diagnóstico, recomendando o tratamento devido. Nos retornos, aos poucos, o pai, sem nunca deixar seu comportamento afetado, contava-nos detalhes de seu viés empresarial.

Com a melhora acentuada do rapaz, confessou-nos que preparava o filho para ser craque de futebol, do que, aliás, não tinha nenhuma dúvida. Matriculara o futuro “astro” em uma escola de futebol dirigida pelo D. S., grande craque passado do futebol brasileiro, bicampeão mundial, do qual falava maravilhas, estando convicto de que o pupilo seria não apenas um autêntico craque, como também se tornaria o próprio goleiro da seleção. Prestava atenção num misto de curiosidade e paciência, pois não me lembrava de ter ouvido nada semelhante.

Passado algum tempo, resolveu falar um pouco mais de sua vida pregressa. Interessante, fosse por que fosse, aumentava gradativamente minha curiosidade. “Já deveria ter notado...” no seu falar característico, ou percebido, que seu sotaque denotava uma origem estrangeira. Na realidade, havia nascido na Rússia czarista, de ascendência “nobre”, sendo seu pai industrial. Viviam à larga, com o produto de suas fábricas. Mas, subitamente, com o desastre da Primeira Guerra Mundial, o país vira-se engolfado na Revolução Russa, sendo repentinamente obrigados a fugir, no desespero, com a roupa do corpo. Foram com motorista em seu carro Mercedes-Benz até o Mar Negro, onde, a pedido, um pequeno navio cargueiro os espe-

rava no meio da baía, deixando o carro, com o pouco que restara, nas mãos do motorista. Sua última lembrança do cãozinho de estimação, naquele momento dramático, isolado irremediavelmente na praia, ao ver seus donos partindo no pequeno bote, foi de vê-lo lançar-se ao mar, perdendo-se em seguida. Embora com tenra idade, essa imagem nunca mais o abandonou. O capitão do navio foi de extrema gentileza, apesar da precariedade da embarcação e da situação, deixando, atenciosamente, toda a família na única cabine disponível, a do próprio capitão. Atravessaram o Mar Negro em direção à Turquia, passaram pelo Bósforo e ancoraram em Istambul. Não puderam descer. Não tinham um documento sequer, nem mesmo algum numerário. Zarparam em direção ao Mar de Marmara, Estreito dos Dardanelos, Mar Egeu e, finalmente, Pireus, em Atenas. Ali, foram recebidos pelo primo, avisado pelo rádio, também de origem nobre e membro do Ministério do Exterior local, que conseguiu documentos, dinheiro, roupas etc., fazendo-os sair daquela situação terrível e embaraçosa. Permaneceram alguns dias rumando para a França, onde tinham outros parentes em melhor situação. Fixaram residência, adquiriram cidadania e, enfim, tocaram a vida. O que nunca pode entender, como fazia questão de enfatizar, fora o ódio dos bolcheviques por todos e por tudo que representasse a classe empresarial da então Rússia, agora revolucionária, não se conformando com o tratamento, segundo suas palavras, ignominioso e injusto.

As coisas evoluíram dentro das previsões, mas eis que novamente outra guerra mundial os engolfou. Entrou para o exército francês, participou da Resistência contra o domínio nazista, tendo chegado ao posto de coronel. Foi condecorado, recebendo todas as honras ao final do conflito. Porém, a vida estava cada vez mais difícil. Ouvira falar do Brasil, país de grande futuro. Resolveu ensarilhar armas e bagagens e se bandear para os trópicos, mas agora se via insatisfeito com os novos rumos do país.

O rapaz recebeu alta e não teve mais notícias. Passados uns dois anos ou mais, lá estão de volta os dois. O filho voltara a apresentar os mesmos padecimentos. Mostrava-se, agora, bem mais alto, com físico avantajado. Cheguei a pensar e a quase



Monte São Michel, ao entardecer, França

perguntar sobre seus progressos “debaixo” das traves, já que seu pai vaticinara um futuro prodigioso como arqueiro. O pai vestia-se apropriadamente, mas com bastante modéstia. Julguei melhor me calar. Aquela empáfia passada havia desaparecido. Seu aspecto se mostrava bem mais velho, um pouco alquebrado. Parecia ter esquecido o “allors”. Contou-nos sua odisséia. Vendera tudo e retornara à França. Julgara que ali deveria ser seu verdadeiro lar. Foi mal recebido, até maltratado. Ele, “um herói da Resistência, deveria merecer maior consideração”. “Os tempos mudaram, as pessoas não têm mais respeito...”, contava-nos num misto de amargor, pesar e tristeza. Voltara quase sem dinheiro e posses (havia vendido tudo antes). Agora, enfrentaria um país com inflação, mas, como concluiu adiante, “aqui, as pessoas ainda tinham coração!”.

M. I. Rollemberg

Membro Titular da Academia de Medicina de São Paulo

O Caracol

Antonio J. Amadi

Nas costas carregando o próprio lar,
seus bens arrasta, no levar consigo,
angústias..., sonhos..., tudo em seu abrigo,
sempre só, num perene caminhar...
Lento percorre planos e ladeiras,
terrenos áridos e chãos de lama,
alternando calores, frios, canseiras,
sem partilhar jamais o próprio drama.

Qual votivo trapista a dura sina
da reclusão de monge, sem cessar
suas dores da alma, na mudez, rumina.

Soturno o caracol desliza a esmo...
Enfim, nem sexo tem por que cuidar...

Hermafrodita, basta-se a si mesmo!



Vestígios de saudade

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

A Ildefonso Correia de Serro-Azul
In memoriam (9/07/1888-30/06/1949)

Foi lá pela metade da minha infância quando tive consciência daquilo que só em nossa língua se chama saudade, pois “só portugueses conseguem senti-la bem, porque têm essa palavra para dizer que as têm” (Fernando Pessoa). Na época, Jayme Redondo, acompanhado pelo Trio Gheraldini, gravava sua canção em disco Columbia de 78 rotações, fenômeno instantâneo que, via férrea, ecoou pelas capitais e me propiciou ouvir a singela melodia no início dos anos 1930, depois em *long playing*, e, hoje, no computador: “Saudade, mal-estar que se bendiz, que fere mas não deixa cicatriz”.

Viria daí a minha inspiração para considerar a palavra *saudade* a mais bela de nossa língua, se não imperassem em meu ser os versos de meu pai Ildefonso Correia de Serro-Azul, tendo-a como *leitmotiv* de sua obra.

Veja-se, desde as suas primitivas composições, que a palavra já lhe tocava o coração juvenil:

A primeira saudade é asa de luz suspensa
que baixa do infinito enorme claridade...

E, embora seja luz,
a sombra é tão intensa.

*

Desde a infância que eu tenho, em minha alma crescendo
esta saudade que traçou o meu destino.

Daí por diante vem a história triste,
de quem nasceu despreocupado com a vida,
e ora se vê forçado a escrever esses versos de saudade
que um tremor de mistério o coração invade!

*

Anda indecisa no ar uma saudade
feita de sonhos mortos e parados
e anda vagando no ar uma piedade
de tristes corações amortalhados.

*

Vinte de maio

A ignominiosa atrocidade desse dia de 1894 feriu-lhe a alma de criança para nunca mais cicatrizar. E esse mês tornou-se triste! Com efeito, os versos dedicados à memória do Barão do Serro-Azul (único paranaense inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, 2008), de inigualável beleza, constituem um real monumento da poesia de um filho para o pai:

E a profunda saudade de tua vida
é para mim a estrada da incerteza
que eu lembro, hora a hora, neste dia
e que hoje é numa angústia percorrida!

*

Esta infinita ausência,
que ficou num adeus de luto e mágoa,
tendo a tristeza como penitência
e como fonte os olhos cheios d'água.

*

Na paz, onde tua alma ora repousa,
ela refulge com intensos brilhos!
Pois contigo no túmulo ficaram
o coração vencido de tua esposa,
a lágrima mais pura de teus filhos
e as bênçãos que os humildes derramaram!

*

E compreendeu que a sua mocidade,
desde a infância, tremia de saudade!
Quando os seus olhos pela vida andaram,
seus sonhos e ilusões se machucaram.

*

Em 7 de março de 1928, perde Luis Fernando, meu pequeno Maninho, saudade mais angustiante de toda sua tristeza:

Saudade das minhas noites em claro, a velar tua vida!
 Saudade da minha agonia ouvindo os teus gemidos,
 Saudade da minha angústia a olhar teus olhos quietos!
 Mas com vida, minha esperança perdida
 Onde foi parar teu sorriso de criança?
 Que estrela te levou ao aconchego de uma asa?

*

Muitos anos depois, roubei um pouco da sua saudade ao
 levar uma rosa para o Maninho, que disse: “volte logo — uma
 rosa é bastante para abrandar-me a pena de ficar tão sozinho”.

*

Nos derradeiros anos, ele reside em São Paulo, mas sua
 poesia ainda vive a terra natal:

... o destino vai e o destino vem
 como a ilusão vencida.
 Lá vai o sonho pela serra arriba...
 é a saudade que vem no silêncio da tarde
 e lá no fundo da alma: Curitiba!

*

... enfim, sente o peso da idade:
 qualquer coisa a sua mente suspeitava
 como um perfume perdido pelo ar...
 O coração já bem adivinhava
 e percebia a mágoa do luar!
 Um dia, sem querer, sem que ninguém mandasse,
 ele viu e entendeu os seus cabelos brancos.
 E a saudade ordenou que a sua mão orasse!

*

Saudade transcende épocas, distâncias — tudo se aproxima
 quando o assunto é saudade. É um sentimento eterno.

Assim:

“... não me tirem d'alma essa saudade que é meu sangue,
 meu ser, meu pão, meu tudo” (Olegário Mariano).

“É dor que fere nos dois mundos” (Chico Xavier, disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/chico_xavier/>).

Por outra via, conceitos atuais, senão poéticos, igualmente
 emocionam:

“Porque metade de mim é partida, mas a outra metade é
 saudade” (Oswaldo Montenegro, disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/oswaldo_montenegro/>).

E até podem concordar com nosso modo de bem senti-la:

“Saudade de amigos, retratos, cheiros, vozes, discos... das
 coisas que vivi e das que deixei passar... Gente que passou na
 calçada contrária da minha vida... Dos que se foram e não me
 despedi” (Antonio Carlos Afonso).

“Ah! Saudade

Dor que vem de mansinho

Como o vento é brisa que vai aumentando sem se ver

Tu és a ausência de alguma presença...” (Vera Perdigão).

Mas há sempre um momento para senti-la. Tento sonhar
 — o pensamento voa para trás e mergulha no seu doce enlevo:

Saudade antiga

Faz muito tempo

Ficou tanta saudade!

Ficou tanta saudade,

Faz muito tempo,

daquela antiga saudade!

Contudo, às vezes, a saudade diz:

— Nunca mais...

TAMEGA, amigo nada convencional

Arary da Cruz Tiriba

Julho de 2000. Meu vizinho despertara e juntara os trapos. Espelhava-se no vidro de um automóvel, ajeitando o cabelo dourado e ajustando os trajos, camiseta regata, bermuda, botinas corroidas. Reedição fiel do legionário romano? Certamente não, porém — fâcies mediterrânea peninsular, e postura — o esboço... Longinus! O centurião que acertou a lança no Cristo crucificado.

Sorria para mim. Cacos dentários. Deterioração só! Credo! Quanto terá sofrido com dor de dente! Anestesiado pela geladura das noites? Ou será que as dores se transmudam em bálsamo suave?... Só para alguns poucos, um ou outro bem-aventurado.

Dirigi-me a ele.

— V. está bonito.

Regozijo, aprovação imediata. Ao cumprimentá-lo, retribuía a gentileza [*saudara-me por igual forma ao me ver bem-vestido, blusão de couro vistoso: “como V. está bonito!”*]. O elogio espontâneo para o octogênario, feio, fios brancos — escassos, obstinados, sobreviventes na calva —, confesso, fez-me bem.].

Tão pronto quanto o sorriso, estendeu-me a mão para o aperto que não hesitei em anuir. Fria, mais que fria! Glacial! Contraste! A minha, aquecida, nem de longe pensamento de contaminação pelo contato. Tão grande sua fortuna, fazia-me esquecer da minha alma sucumbida.

Tantos que o estimavam! Enconradição, dia após dia. Sua idade? Vinte e cinco ou 45 — indiferente — o que transparecia. Daquelas pessoas... estátuas! Semblante imutável, à margem do calendário!

Passos vagarosos, calado, respeitoso, olhar baixo, saco às costas... Jamais pediu ou perturbou. Moleques não o moles-

tavam. Dignidade, inata! Até o cão farejava o resquício de nobreza.

Veza única encontrei-o exaltado, sim, em plena oratória, discursando, alta voz! Para ninguém!!! Mimético! De legionário romano travestido - tal Cícero - em fervoroso tribuno! Não me detive para interpretação de sua prosopopeia. Como me arrependo!

No morador de rua, a inundação da felicidade! Dentro dele! Sem precisar de outrem! E para ser ofertada, compartilhada com mais alguém, com outros, com muitos, com todos!

Inverno de julho, 2011. O rabecão chegou para o embarque do amigo universal. Desta vez, rígido e frio, corpo inteiro... sepulcral! Palma de minha mão erguida sobre a carcaça. Pausei com respeito.

Seu coração, certamente, estaria aquecido; também, seu espírito.

Vago o estrado de cimento. Do Tamega... E seca... aquela fonte natural, transparente, de fraternidade.

Arary da Cruz Tiriba

Professor universitário e Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador), Nílceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.